

## O LATIM E O ENSINO DE VERBOS

BORTOLANZA, João / UFU<sup>1</sup>

**RESUMO:** O sistema verbal português provém do Latim Vulgar com sua tendência analítica frente ao Latim Clássico. Partindo do sistema verbal latino, algumas lições podem ser tiradas para o ensino dos Verbos em Português. A primeira constatação é que a nomenclatura utilizada nas gramáticas e nos manuais de ensino está muito confusa e incompleta, praticamente desconhecendo o aspecto, confundindo tempo e aspecto, excluindo ou pondo à parte formas simples e compostas, utilizando um esdrúxulo "futuro do pretérito simples e composto" para o modo hipotético etc. Com este confronto, pretende-se encetar uma discussão que vai às bases do sistema verbal latino-português.

**RÉSUMÉE :** Le système verbal portugais provient du latin vulgaire avec sa tendance plus analytique en rapport avec le latin classique. En confrontant le système verbal du latin classique, on peut dégager des leçons très utiles pour l'enseignement des verbes en portugais. Le premier constat est que la nomenclature utilisée dans nos grammaires et dans nos manuels d'instruction est très confuse et incomplète, elle ignore pratiquement la catégorie de l'aspect, elle mêle les terminologies de temps et d'aspect, elle exclut ou sépare les formes simples et composées, elle parle d'un «futur du passé simple et composé" pour le mode conditionnel ou hypothétique etc Grâce à cette confrontation, nous avons l'intention de démarrer une discussion qui va à l'essentiel du système verbal latin-portugais.

### 1. Introdução

O Português é ainda o Latim, deslocado no tempo e no espaço, isso significando que sofreu muitas modificações, tornando-se outra língua, mas permanecendo fundamentalmente Latim. São mais as semelhanças que as diferenças. Para um estudo em profundidade do Português, há sempre que percorrer, em contínuas idas e vindas, o longo caminho de mais de vinte séculos de produção, com um especial acervo vazado em latim, não apenas o clássico, já que o Latim acompanhou sempre a produção literário-científico e educacional do mundo ocidental até pelo menos o século XVIII, ao lado do multissecular acervo vazado em Português Arcaico e Moderno. O enfoque desta comunicação será o sistema verbal: seria hoje o mesmo? Sem dúvida, passou-se de um mecanismo sintético para um quadro mais analítico, sendo aliás esta uma característica básica na formação das línguas românicas, calcada já na modalidade vulgar do latim. A escola, sempre a propugnar pela unidade da língua consagrada ou padrão, por sua vez tornou-se a portadora de uma terminologia própria, da qual muitas vezes se torna refém. Na ânsia de explicar os fatos lingüísticos adota uma terminologia gramatical muitas vezes anacrônica ou incoerente. No estudo e ensino dos verbos, por constituir um sistema muito complexo, com várias categorias, a conservar um caráter latino morfossintático evidente, há que voltar-se ao *terminus a quo* para elucidar o que vemos nos *termini ad quos*, ou seja, nas variantes sincrônicas e diacrônicas de sua realização concreta.

Não seria, por acaso, sintomático o fato de os nossos alunos entrarem na escola sabendo verbos e a cada ano de formação se sentirem mais confusos na hora de serem questionados?

### 2. Aprende os verbos ou não falarás

Em criança, vivemos o desafio da esfinge (“decifra-me ou te devoro!”): cercados por ruídos de todos os lados, sem mestre, sentimos que temos que comunicar-nos com o mundo circundante que zoa à nossa volta. De uma fase *infans*, devolvendo apenas com choro ou ruídos também, passamos para uma fase da fala, aos poucos atinamos com a expressão de pensamentos, com a junção de palavras, descobrindo o elemento-chave, o Verbo. E o aprendemos em sua categoria temática e em seu aspecto, com as únicas duas pessoas existentes, nessa fase, eu e você/ele. E a criança passa a regularmente empregar o aspecto imperfeito, inacabado, e o perfeito, acabado, nas três categorias temáticas:

- grito / grita

oposto a

- gritei/gritou

<sup>1</sup> Professor de Latim no ILEEL/UFU [jbortolanza@uol.com.br](mailto:jbortolanza@uol.com.br)

- como / come	oposto a	- comi / comeu
- fazo / faze	oposto a	- fazi / fazeu
- pedo / pede	oposto a	- pedi / pediu
- engolo / engole	oposto a	- engoli/ engoliu

Do “varejo” das complexas flexões modo-temporais e número-pessoais, apreende o “atacado” das formas temáticas ligadas ao essencial da comunicação. Trata-se da primeira grande manifestação mensurável da inteligência, aquela faculdade de *legēre intus* > *intus+legēre*, que demonstra de vez a racionalidade abstrata do novo ser pensante. As formas seguintes a serem apreendidas serão justamente o Tempo Pretérito e Futuro para o Aspecto Imperfeito, com mais um detalhe significativo, com uma forma simples e com uma locução verbal:

- falava	oposto a	- vou / vai falar
- comia	oposto a	- vou / vai comer
- caía	oposto a	- vou / vai cair

A destacar a presença das primeiras desinências Modo-Temporais (-Aspectuais), opondo a 1ª. conjugação às duas outras, e a presença do verbo auxiliar na formação do futuro. Com isso a fala da criança pode passar à “contação” de suas estórias.

Pois essa criança, que progressivamente vai dominando o complexo sistema verbal, logo passará a defrontar-se com um modelo escolar tradicional, eivado de entraves à aprendizagem, a começar pelo foco morfológico, com sua multiplicidade de formas e denominações, saindo do contexto sempre morfossintático das frases em que ocorrem. Do campo da significante fala, em que o verbo se constitui o núcleo da expressão do pensamento, passa-se àquilo que denomino “varejo” de formas e exemplos, mesclado progressivamente a uma terminologia distante, ambígua e incoerente.

E o desafio da esfinge passa a ser o desafio da escola preceptora. Resta o apelo à memória do ininteligível, e por isso sempre claudicante, quadro das conjugações regulares.

### 3. O Sistema Verbal em Latim Clássico

Olhando-se o sistema verbal latino a partir do português, algumas diferenças chamam a atenção:

- Os modos Indicativo e Subjuntivo formam-se sinteticamente, sem a ajuda de auxiliares.
- Ambos os Modos têm tempos do *Infectum* e tempos do *Perfectum*, com Radicais peculiares.
- Há no Indicativo os tempos presente, pretérito e futuro tanto no *Infectum* quanto no *Perfectum*, sendo os dois futuros denominados de Futuro Imperfeito ou 1º e Futuro Perfeito ou Anterior. Vê-se também que o Subjuntivo não apresenta formas próprias para ambos os futuros. Veja-se a Tabela 1:

Tabela 1: Indicativo e Subjuntivo da voz Ativa em Latim e Português

<b>INFECTUM</b>		
<b>Tempos/Modos</b>	<b>Indicativo</b>	<b>Subjuntivo</b>
<b>Presente</b>	AMO	AMEM / habeAm, dicAm
	<b>amo</b>	<b>ame / haja, diga</b>
<b>Pretérito Imperfeito</b>	AMABAM / dicEBAm	AMAREM
	<b>amava / havia</b>	<b>amasse / amaria</b>
<b>Futuro Imperfeito</b>	AMABO / dicAm, dicEs...	.....*
	<b>amarei (vou amar)</b>	<b>amar</b>
<b>PERFECTUM</b>		
<b>Tempos/Modos</b>	<b>Indicativo</b>	<b>Subjuntivo</b>
<b>(Presente) Perfeito</b>	AMAVI	AMAVĒRIM
	<b>amei (tenho amado)</b>	<b>tenha amado</b>
<b>Pretérito + q. Perfeito</b>	AMAVĒRAM	AMAVISSEM
	<b>tinha amado (amara)</b>	<b>tivesse amado / teria amado</b>
<b>Futuro Perfeito</b>	AMAVĒRO	.....*
	<b>terei amado</b>	<b>tiver amado</b>

\* Para o que para nós é Subjuntivo, em Latim empregam-se os futuros do Indicativo

- d) Vê-se em Português, à parte o problema da nomenclatura, que ocorrem os futuros no subjuntivo e que quase todos os tempos do Perfeito, seja do Indicativo, seja do Subjuntivo se formam com verbos auxiliares. O futuro imperfeito já está “gramaticalizando” a perifrástica ir+R (infinitivo) e o pretérito-mais-que-perfeito, a perifrástica tinha/havia + -DO (particípio). O pretérito perfeito composto ainda é de uso mais restrito.
- e) Quanto à nomenclatura, o mais estranho é as gramáticas considerarem a existência de um futuro do presente simples e de um futuro do presente composto – seria futuro ou presente? – em vez de considerarem só o tempo futuro combinado com o aspecto.
- f) Em português vemos que o condicional traduz o Pretérito Imperfeito e Mais-que-Perfeito do subjuntivo, que ainda se usam na prótase.
- g) Quanto às Formas Nominais, o Latim possui o Infinitivo e o Particípio, equivalentes ao Nome e ao Adjetivo verbais, que, enquanto verbos, possuem tempo e voz. Veja-se a Tabela 2.

Tabela 2: Formas Nominais Ativas e Passivas em Latim e Português

INFINITIVO		PARTICÍPIO		
Tempos	Voz ativa	Voz Passiva	Voz ativa	Voz Passiva
<b>Presente</b>	AMARE	AMARI / deleri, dici	AMANS, -ntis	(qui amatur)*
	<b>amar</b>	<b>ser amado</b>	<b>(que ama)</b>	<b>(que é amado)</b>
<b>Passado</b>	AMAVISSE	AMATUM,-am ESSE	(qui amavit)*	AMATUS,-a,-um
	<b>ter amado</b>	<b>ter sido amado</b>	<b>(que amou)</b>	<b>amado</b>
<b>Futuro</b>	AMATURUM,am ESSE	AMATUM IRI	AMATURUS,-a,-um**	AMANDUS,-a,-um **
	<b>haver de amar</b>	<b>haver de ser amado</b>	<b>(q. há de amar)</b>	<b>(q. há de ser amado)</b>

\* Essas formas eram supridas pelas Orações Relativas e, em Português, pelas Orações Adjetivas

\*\* Os Particípios futuros formam com o verbo *sum* as Conjugações Perifrásticas Ativa e Passiva

- h) A riqueza de formas nominais flexivas soma-se à não menos rica presença de formas compostas, com a ajuda do verbo *sum* (além de *iri*), que se junta a formas derivadas do radical do supino. No particípio, duas observações: primeiramente, o emprego de Orações Relativas, que nada mais são que Adjetivos verbais, como o Particípio, sendo que em português são 5 as Orações Adjetivas e apenas uma forma flexiva, o particípio passado passivo; em segundo lugar, combinando os futuros com o verbo *sum*, formam-se as primeiras conjugações perifrásticas, tão comuns em português, como se pode verificar na própria tradução de ambas: *scripturus sum* = hei de escrever, estou para escrever, tenho que/ devo/ hei de escrever; *scribendus est* = deve/ tem que/ há de ser escrito, está para ser escrito.
- i) Em português mal se considera a existência do Infinitivo simples e “composto”, como se esse não fosse o passado, desconhecendo-se sistematicamente a existência das locuções ou perífrases verbais, em que o auxiliar é esvaziado de sua significação, pelo menos no presente e no passado; quanto ao futuro, o verbo *haver* traz semanticamente também uma idéia de obrigatoriedade/iminência.
- j) Em Latim, o Gerúndio é a declinação do Infinitivo Presente ativo. Veja-se a Tabela 3

Tabela 3: Gerúndio Latino e a Forma Nominal Gerúndio em Português

GERÚNDIO: declinação do Infinitivo			FORMA NOMINAL GERÚNDIO	
			Voz ativa	Voz passiva
Infinitivo presente ativo				
Nom./Ac.	AMARE	<b>amar</b>	(Presente / Passado / Futuro)	
Genit.	AMANDI	<b>de amar</b>	<b>amando</b>	<b>sendo amado</b>
Dativo	AMANDO	<b>a amar</b>	<b>tendo amado</b>	<b>tendo sido amado</b>
Ablativo	AMANDO	<b>amando</b>	<b>→ havendo de amar</b>	<b>havendo de ser amado</b>

Acus. Ad AMANDUM para amar
----------------------------

- k) Achar que o Gerúndio não foi uma aquisição é no mínimo desconhecer a latinidade do português. Aliás o Ablativo, com sua função de “Adjunto” Adverbial, é o que explica a formação da Forma Nominal Advérbio em português, normalmente correspondendo a Orações Adverbiais; e o Acusativo precedido de *Ad* vem justificar a perda do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo latino: com a preposição *para* forma-se o Infinitivo Pessoal. O espaço deixado com esse deslocamento foi preenchido com o pretérito-mais-que-perfeito do subjuntivo.

#### 4. A terminologia verbal e a formação histórica do Português

A primeira constatação é que a nomenclatura utilizada nas gramáticas e nos manuais de ensino está muito confusa e incompleta, praticamente desconhecendo o aspecto, confundindo tempo e aspecto, excluindo ou pondo à parte formas simples e compostas, utilizando um esdrúxulo "futuro do pretérito simples e composto" para o modo hipotético, reduzindo a apenas três as formas nominais, isso apenas para destacar alguns dos problemas. O resultado é a apresentação de um quadro ininteligível para um sistema perfeitamente simples e coerente, acessível a uma simples criança.

Sem dúvida, urge voltar-se ao passado e buscar as raízes desse SISTEMA VERBAL, recuperar o trajeto de lentas e seculares mudanças. Trata-se de um sistema latino que, ao contrário do sistema das declinações nominais, se manteve em suas linhas básicas. Facilmente pode ser confrontado com formas diacrônicas distribuídas ao longo de mais de dois milênios. São mais as semelhanças que as diferenças, trata-se de um sistema que fundamentalmente se manteve, e isso deveria refletir-se na terminologia gramatical.

A modalidade clássica do Latim, fartamente documentada e estudada, tornou-se a língua da civilização ocidental, também e sobretudo no que concerne ao saber elaborado especificamente de nossa área de Língua, Gramática, Filologia e Literatura, e evidentemente também em sua TERMINOLOGIA. Enquanto a língua literária se mantinha na escola, nas universidades, nas ciências e na constituição das línguas modernas, a modalidade vulgar do Latim seguiu seu próprio curso, liberta de modelos e normas. E as variantes populares aos poucos vieram imprimindo modificações, obrigando os estudiosos a também modificarem seus conceitos e normas. No entanto, um grande descompasso se verifica: a terminologia gramatical praticamente se manteve a mesma.

Uma característica fundamental da modalidade popular é seu caráter analítico frente ao sintetismo clássico. O complexo sistema das declinações nominais, em que um nome apresentava nas diferentes flexões morfológicas as funções sintáticas que exercia na oração, tornou-se analítico com o uso de preposições, até se chegar apenas às formas do singular e do plural, perdendo para sempre seu sintetismo morfossintático.

Quanto ao verbo, porém, o sistema manteve-se o mesmo, apenas ganhando um caráter mais analítico:

- a) A voz passiva sintética ou flexiva do *Infectum* também recorreu ao auxiliar *sum*, já no Latim Vulgar, e assim toda a conjugação passiva passou a formar-se com a presença do verbo auxiliar *Sum/Ser*, com exceção do Particípio Passado Passivo. Também analiticamente formou-se uma conjugação pronominal - impropriamente chamada de sintética - com a partícula apassivadora pronominal *Se*.
- b) Vários tempos flexivos latinos passaram a ser formados analiticamente com ajuda dos verbos auxiliares *Haver* ou *Ter* e impropriamente foram, na prática, excluídos do quadro das conjugações ou conjugados separadamente, como se não fizessem parte da conjugação propriamente dita, apesar do que alguns afirmam, como Bechara: “*ter, haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados compostos, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa.”<sup>2</sup>. Ou, como se lê em Coutinho (1976, p. 277-8), ao referir-se à formação dos tempos compostos no próprio Latim Vulgar: “Estas construções predominaram no latim vulgar, preenchendo assim as lacunas decorrentes do desaparecimento de uns tempos ou de empregos novos que outros tiveram.”<sup>3</sup>
- c) As Formas Nominais flexivas se reduziram consideravelmente, passando a desconhecer-se o sistema original, devido sim às perdas, como do *Supino* e do *Gerúndio* enquanto declinação do Infinitivo Presente ativo, mas desconhecendo os ganhos, como foi o do acréscimo da Forma Nominal Advérbio, também chamada de *Gerúndio*; desconhecendo sobretudo as formas analíticas constituídas com os verbos auxiliares *Ser, Ter* e *Haver*.

<sup>2</sup> BECHARA, 2001, p. 230.

<sup>3</sup> COUTINHO, 1976, p. 277-8.

- d) Entre as criações românicas, destacou-se sobejamente a formação, com a junção enclítica de *habeo* e *habebam* ao infinitivo presente, dos ditos futuros do presente e futuro do pretérito, mas não se soube verificar adequadamente que tinham funções diferentes. De um lado, o futuro imperfeito sintético do modo Indicativo passou a analítico, com o progressivo esvaziamento lexical do verbo *habere*, até a se transformar em mais um tempo simples – e hoje já vem tomando novamente forma analítica com ajuda do auxiliar Ir + Infinitivo; por outro lado, o Modo Condicional, que no sistema clássico latino empregava o Subjuntivo, tanto na chamada “apódose” ou principal, como na “prótase” condicional, criou propriamente um tempo novo analítico para expressar a apódose: incorporada encliticamente a forma *habebam*, veio a constituir-se em mais uma forma flexiva ou sintética – e novamente temos um emprego do Pretérito Imperfeito do Indicativo concorrendo com o condicional. A relação estabelecida entre ambos, como se foram um par opositivo, é absolutamente inadequada. Em primeiro lugar, por tratar-se de um tempo futuro de aspectos imperfeito e perfeito (estudarei / terei estudado), e não de um futuro “do presente simples/composto”. Em segundo lugar, por considerar como uma combinação de dois tempos (futuro do pretérito) o modo condicional, que nem tempo tem, mas apenas aspecto imperfeito e perfeito (estudaria / teria estudado), intrinsecamente ligado à sua prótase hipotética no subjuntivo, num período composto, como em: SE estudaSSE, aprendeRIA ou SE TIVESSE estudado, TERIA aprendido.

## 5. A terminologia verbal e o ensino de Verbos em Português

Como já se pôde verificar, a terminologia verbal reflete um problema estrutural grave. Muito se tem debatido sobre o sistema verbal, muitos conceitos foram até bem explicitados, mas a realidade do *status quo* gramatical continua caótico. Consideremos apenas algumas coisas fundamentais:

- a) Verbo não pode ser considerado uma questão morfológica, por se configurar de funcionamento morfossintático.
- b) São várias as categorias verbais que têm como sema lexical o Radical do Verbo: as Categorias temáticas ou Conjugações; as categorias de Modo, Tempo e Aspecto, profundamente relacionadas; as desinências cumulativas finais das categorias número-pessoais; e finalmente a voz. Levando em consideração o passeio diacrônico, cumpre incorporar o caráter analítico das conjugações verbais, integrando os verbos auxiliares para assim “preencher as lacunas”, como diz Coutinho, e exibir um verdadeiro sistema completo e inteligível.
- c) É urgente incorporar a categoria Aspecto à conjugação, para distribuir simetricamente o Presente (Ø), Passado (pretérito) e Futuro – para indicar a simultaneidade, a anterioridade e a posterioridade – no Indicativo e no Subjuntivo, tanto no Imperfeito (inacabado, imperfectivo), quanto no Perfeito (acabado, perfectivo), como se pode ver na Tabela 1. Assim se lê em Mattoso Câmara:

O português é das línguas românicas a que melhor conserva o valor primitivo da locução. Por isso Said Ali a caracteriza como um “PERFECTIVO”, à maneira eslava (Ali, 1931, 180). Podemos dizer, mais rigorosamente, que é um PERFEITO, delimitado no tempo pelo auxiliar. Há um perfeito perifrástico de presente (*tenho amado*), de pretérito (*tinha amado*), de futuro (*terei amado*, *teria amado*) e também um subjuntivo (*tenha amado*, *tivesse amado*, *tiver amado*), um infinitivo (*ter amado*) e um gerúndio (*tendo amado*) (MATTOSO CÂMARA JR, 1975, p. 170).

- d) É preciso fugir da extrema simplificação que representa o estudo das Formas Nominais, que são apresentadas como três formas flexivas, acrescidas de duas ditas compostas, quando na realidade as Formas Nominais participam dos Nomes (Substantivo, Adjetivo e Advérbio) e dos Verbos (categorias de Tempo e Voz), totalizando 18 formas, sendo 15 analíticas e 3 flexivas, como se pode averiguar na Tabela 2.
- e) A nomenclatura perfeito e imperfeito não pode continuar apenas associada ao Pretérito, porque isso leva à confusão entre as categorias Tempo e Aspecto. Parafraseando Lyons, Corôa diz ser

“um acidente histórico o fato de *aspecto* não ser tão proeminente quanto o *tempus* na gramática tradicional, pois a marcação gramatical de *aspecto* é provavelmente muito mais difundida nas línguas humanas do que a marcação gramatical de tempo. [...] Foram os estóicos os primeiros a identificar que naquilo a que Aristóteles e posteriormente os alexandrinos

chamaram de *tempus* havia mais do que precedência e sucessividade, havia o que agora chamamos de completude versus não-completude. (CORÔA, 2005, p. 62)

e conclui, sempre apoiada em Lyons, referindo-se ao “mundo ocidental de cultura greco-latina”, que a “nossa herança cultural, nos legou distorções terminológicas”, uma vez que os estóicos “incluíram esse novo fator de distinção na mesma determinação de *tempus*”. A própria terminologia perfeito e imperfeito não é senão a tradução de *perfectum* e *imperfectum*, que significam completo e incompleto, portanto, embora diretamente derivada da categoria temporal, refere-se à categoria aspecto.

## 6. Conclusão

Concluindo, pretende-se com isso encetar uma discussão que vai às bases do sistema verbal latino-português. É preciso repensar nossa terminologia verbal a partir de uma visão diacrônica, buscando nas raízes seculares a explicação de fenômenos presentes. Retomo o que disse na introdução: “há que voltar-se ao *terminus a quo* para elucidar o que vemos nos *termini ad quos*, ou seja, nas variantes sincrônicas e diacrônicas de sua realização concreta”. Nós, os profissionais do ensino do Português, temos que repensar nossa prática, rever os nossos manuais e gramáticas e implementar pesquisas que vão aos alicerces de nossa atividade.

## 7. Bibliografia

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão / Bom Livro, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CORÔA, Maria Luíza Monteiro Sales. *O Tempo nos verbos do Português*. São Paulo: Parábola, 2005.

<b>INFECTUM</b> Tempos/Modos	<b>Indicativo</b>	<b>Subjuntivo</b>
<b>Presente</b>	AMO <b>amo</b>	AMEM / habeAm, dicAm <b>ame / haja, diga</b>
<b>Pretérito Imperfeito</b>	AMABAM / dicEBA <b>amava / havia</b>	AMAREM <b>amasse / amaria</b>
<b>Futuro Imperfeito</b>	AMABO / dicAm, dicEs <b>amarei (vou amar)</b>	.....* <b>amar</b>
<b>PERFECTUM</b> Tempos/Modos	<b>Indicativo</b>	<b>Subjuntivo</b>
<b>(Presente) Perfeito</b>	AMAVI <b>amei (tenho amado)</b>	AMAVĒRIM <b>tenha amado</b>
<b>Pretérito + q. Perfeito</b>	AMAVĒRAM <b>tinha amado (amara)</b>	AMAVISSEM <b>tivesse amado / teria amado</b>
<b>Futuro Perfeito</b>	AMAVĒRO <b>terei amado</b>	.....* <b>tiver amado</b>

Tabela 2: Formas Nominais Ativas e Passivas em Latim e Português

	<b>INFINITIVO</b>		<b>PARTICÍPIO</b>	
Tpos.	Voz ativa	Voz Passiva	Voz ativa	Voz Passiva
<b>Pres.</b>	<b>AMARE</b>	<b>AMARI , dici</b>	<b>AMANS,-ntis</b>	<b>(qui amatur)*</b>
	<b>AMAR</b>	<b>ser amado</b>	<b>(que ama)</b>	<b>(que é amado)</b>
<b>Pass.</b>	<b>AMAVISSE</b>	<b>AMATUM</b> <b>-am,um ESSE</b>	<b>(qui amavit)*</b>	<b>AMATUS</b> <b>-a,-um</b>
	<b>ter amado</b>	<b>ter sido amado</b>	<b>(que amou)</b>	<b>AMADO</b>
<b>Fut.</b>	<b>AMATURUM</b> <b>-am, -um ESSE</b>	<b>AMATUM</b> <b>IRI</b>	<b>AMATURUS</b> <b>-a,-um**</b>	<b>AMANDUS</b> <b>-a,-um **</b>
	<b>haver de amar</b>	<b>haver de ser amado</b>	<b>(q. há de amar)</b>	<b>(q. há de ser amado)</b>

Tabela 3: Gerúndio Latino  
e a Forma Nominal Gerúndio em Português

GERÚNDIO: declinação do Infinitivo		
Infinitivo presente ativo		
Nom./Ac.	AMARE	<b>amar</b>
Genit.	AMANDI	<b>de amar</b>
Dativo	AMANDO	<b>a amar</b>
Ablativo	AMANDO	<b>amando →</b>
Acus.	Ad AMANDUM	<b>para amar</b>
FORMA NOMINAL GERÚNDIO		
Voz ativa	Voz passiva	
(Presente / Passado / Futuro)		
<b>amando</b>	<b>sendo amado</b>	
<b>tendo amado</b>	<b>tendo sido amado</b>	
<b>havendo de amar</b>	<b>havendo de ser amado</b>	